

# EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

## 5



Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)

# EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

## 5



Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremonesi  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação [recurso eletrônico] : agregando, incluindo e almejando oportunidades 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-416-0

DOI 10.22533/at.ed.160202109

1. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Importante contar ao leitor, antes de apresentar com mais detalhe as características desta obra, o contexto em que ela se insere, marcando bem o lugar histórico que a circunscreve.

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficaz medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angustias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste volume.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades. Portanto, as discussões empreendidas neste volume de “***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente.

Este livro, ***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***, reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, entre outros. Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: A CULTURA DO ESTEREÓTIPO - UMA TRISTE REALIDADE

Guilherme Augusto Martins da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.1602021091**

### **CAPÍTULO 2..... 7**

UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA MONITORIA ACADÊMICA DE SAÚDE DA MULHER NA GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM

Amanda Alcantara de Sousa

Maria Kleyssiane de Melo Alexandre

Brenda Belém Luna Sampaio

Cinthia Gondim Pereira Calou

Dayanne Rakelly de Oliveira

Glauberto da Silva Quirino

Maria de Fátima Esmeraldo Ramos Figueiredo

Rachel de Sá Barreto Luna Callou Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.1602021092**

### **CAPÍTULO 3..... 16**

AFETIVIDADE E ACOLHIMENTO COMO FERRAMENTAS NA CONSOLIDAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM CASO EM UMA FACULDADE PARTICULAR NA CIDADE DE NATAL/RN

Ary Luiz de Oliveira Peter Filho

**DOI 10.22533/at.ed.1602021093**

### **CAPÍTULO 4..... 31**

JOGOS COMO POTENCIALIZADORES DO ENSINO DA MATEMÁTICA NAS SALAS DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E NAS SALAS DE AULA COMUM

Ana Paula Xavier

Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins

**DOI 10.22533/at.ed.1602021094**

### **CAPÍTULO 5..... 37**

O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE SUAS ESCOLAS? ESTUDO EXPLORATÓRIO COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE PONTA GROSSA

Gisele Brandelero Camargo

**DOI 10.22533/at.ed.1602021095**

### **CAPÍTULO 6..... 52**

POSSÍVEIS EFEITOS DA DIMINUIÇÃO DO ESTUDO EM PEÇAS NATURAIS AOS ALUNOS DO ENSINO EM SAÚDE

Pedro Henrique Teixeira dos Santos

Ellen Maria de Matos

David Marlon Vieira Santos  
Luana Guimarães da Silva  
Luciana Mara da Costa Moreira  
Ubiratan Contreira Padilha

**DOI 10.22533/at.ed.1602021096**

**CAPÍTULO 7..... 61**

**A PEDAGOGIA VISUAL AUXILIANDO O TRABALHO DE CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS PARA ALUNOS SURDOS NA CONDIÇÃO DO ESPECTRO AUTISTA**

Ana Paula Xavier  
Flávia Cristina dos Reis Abud Fonseca

**DOI 10.22533/at.ed.1602021097**

**CAPÍTULO 8..... 65**

**ECOLOGIA E CUIDADO NA 'LOUVADO SEJAS' E NO PENSAMENTO DE AMARTYA SEN: PROPOSIÇÕES PARA UMA ÉTICA RESPONSÁVEL E UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO LIVRE E SUSTENTÁVEL**

Lino Rampazzo  
José Marcos Miné Vanzella

**DOI 10.22533/at.ed.1602021098**

**CAPÍTULO 9..... 84**

**FUNCIONAMENTO E ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA-AL**

Jessica Lima Feitoza  
Noélia Rodrigues dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.1602021099**

**CAPÍTULO 10..... 96**

**EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: A IMPORTÂNCIA DO PLANO NACIONAL EM DIREITOS HUMANOS PARA CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA**

Tereza Cristina Rodrigues de Lima Bastos  
Chrystian Tomaz de Mesquita Silva  
Elizabeth Rodrigues de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.16020210910**

**CAPÍTULO 11..... 102**

**A GEOMETRIA COM ORIGAMI: UM MATERIAL DE APOIO PARA O PROFESSOR**

Anita Lima Pimenta  
Eliane Scheid Gazire

**DOI 10.22533/at.ed.16020210911**

**CAPÍTULO 12.....110**

**DESENHO DE UM PROGRAMA DIDÁTICO DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA ORAL (CCO): UMA VISÃO SOCIOCULTURAL**

## DA LINGUAGEM

Carla Cristina Fernandes Monteiro  
Fernanda Leopoldina Parente Viana  
João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso

**DOI 10.22533/at.ed.16020210912**

## **CAPÍTULO 13..... 126**

### **SOFRIMENTO PSÍQUICO NO ENSINO SUPERIOR: ENLACES DO CONTEMPORÂNEO COM A EDUCAÇÃO**

Yasmim Bezerra Furtado de Pinho  
Thaís Félix Cruz  
Artur Gevázio Lira da Silva  
Adryssa Bringel Dutra  
Mariana Gonçalves Farias

**DOI 10.22533/at.ed.16020210913**

## **CAPÍTULO 14..... 136**

### **O SUICÍDIO NO CONTEXTO ESCOLAR: O COMPLEXO E EMERGENTE FENÔMENO ATRAVÉS DO BULLYING E DOS DESDOBRAMENTOS DO JOGO VIRTUAL BALEIA AZUL**

Fábia de Oliveira Rodrigues Maruco  
Lino Rampazzo

**DOI 10.22533/at.ed.16020210914**

## **CAPÍTULO 15..... 152**

### **A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Hellen Lourdes Ramos Marques  
Gislânya Santos Teixeira  
Rosemeire da Silva Dantas Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.16020210915**

## **CAPÍTULO 16..... 160**

### **A BAIXA TECNOLOGIA ASSISTIVA A SERVIÇO DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

Luciana de Jesus Botelho Sodré dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.16020210916**

## **CAPÍTULO 17..... 175**

### **EMPRESARIALISMO & GERENCIALISMO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE MACEIÓ: UMA ANÁLISE DO DISCURSO**

Adelson Gomes da Silva  
Elione Maria Nogueira Diógenes

**DOI 10.22533/at.ed.16020210917**

## **CAPÍTULO 18..... 184**

### **O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL E SEU OLHAR**

DIRECIONADO PARA O MERCADO  
Maria das Graças Correia Gomes  
Wellyngton Chaves Monteiro da Silva  
DOI 10.22533/at.ed.16020210918

**CAPÍTULO 19..... 192**

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA EDUCAÇÃO JURÍDICA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO  
Camila Bernardino de Oliveira Lamas  
Marcos Pavani de Carvalho  
DOI 10.22533/at.ed.16020210919

**CAPÍTULO 20..... 200**

A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NO ENSINO SUPERIOR: OBRIGAÇÃO? OPÇÃO? OPORTUNIDADE?  
Antônio Augusto Baptista Rodrigues  
DOI 10.22533/at.ed.16020210920

**CAPÍTULO 21..... 209**

TEORIA E PRÁTICA DE UMA AÇÃO EDUCATIVA EM CONVERGÊNCIA COM A TEORIA DO MODELO BIOECOLÓGICO  
Carla Josiane dos Santos Costa  
Hélio Ferreira Orrico  
Edicléa Mascarenhas Fernandes  
DOI 10.22533/at.ed.16020210921

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 221**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 222**

# CAPÍTULO 8

## ECOLOGIA E CUIDADO NA ‘LOUVADO SEJAS’ E NO PENSAMENTO DE AMARTYA SEN: PROPOSIÇÕES PARA UMA ÉTICA RESPONSÁVEL E UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO LIVRE E SUSTENTÁVEL

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 01/06/2020

### Lino Rampazzo

Pontifícia Universidade Lateranense

Roma

Universidade de Coimbra

Portugal

Centro Unisal – U.E

Lorena -SP

<http://lattes.cnpq.br/7562078274681687>

### José Marcos Miné Vanzella

Universidade Gama Filho

Rio de Janeiro

Centro Unisal – U.E

Lorena-SP

Faculdade Dehoniana – FADE

Taubaté

<http://lattes.cnpq.br/5780424091855303>

**RESUMO:** O presente ensaio reflete sobre a ecologia do cuidado a partir do documento pontifício ‘Louvado Sejas’, ressaltando especificamente a abordagem religiosa, a falta de cuidado como causa do problema ecológico, a proposta de uma ecologia integral, que considere sua relação com a política e com a educação. Mas tais reflexões, de matriz religiosa, possuem um alcance também universal, pois esta mensagem é dirigida a toda a família humana. Neste sentido justifica-se refletir sobre a mesma temática a partir também da visão de Amartya Sen, que apresenta tanto uma crítica ao modelo de DESENVOLVIMENTO CENTRADO

NO CRESCIMENTO DO PNB, COMO UMA SIGNIFICATIVA SENSIBILIDADE ÉTICA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ecologia e Cuidado, Louvado Sejas, Amartya Sen, Ética responsável, Desenvolvimento sustentável.

### ECOLOGY AND CARE IN ‘LOUVADO SEJAS’ AND IN AMARTYA SEN’S THINKING: PROPOSITIONS FOR A RESPONSIBLE ETHICS AND A FREE AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT MODEL

**ABSTRACT:** This essay reflects on the ecology of care from the pontifical document ‘Louvado Sejas’, emphasizing specifically the religious approach, the lack of care as the cause of the ecological problem, the proposal of an integral ecology, that considers its relation with the Politics and education. But such reflections, of a religious nature, have a universal scope as well, since this message is addressed to the whole human family. In this sense, it is justified to reflect on the same theme from the view of Amartya Sen, which presents both a critique of the development model centered on the growth of GNP and a significant ethical sensitivity.

**KEYWORDS:** Ecology and Care, “*Laudato S*”, Amartya Sen, Responsible ethics, Sustainable development.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente ensaio, com uma metodologia interdisciplinar, reflete sobre a ecologia do cuidado a partir do documento pontifício ‘Louvado Sejas’ com o objetivo de apresentar

proposições para uma ética responsável. Com o mesmo objetivo analisa-se o pensamento de Amartya Sen que propõe um modelo de desenvolvimento, livre e sustentável que atenda melhor às exigências de uma ecologia integral. A escolha do tema se justifica pelo fato de estar articulado com o Eixo COMPROMISSO SOCIAL DA UNIVERSIDADE: INFÂNCIA JUVENTUDES, TERCEIRA IDADE - Educação e Sustentabilidade, III Congresso Nacional de Educação promovido pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Ressalta-se que um dos itens apresentados, relativo ao ‘Louvado sejam’, diz respeito especificamente à Educação; e todas as outras reflexões, seja deste Documento, como as do filósofo Amartya Sen, são muito significativas quanto à conscientização sobre a problemática ecológica que é fundamental para que seja garantida a sustentabilidade do Planeta Terra.

A metodologia utilizada é especificamente documental e bibliográfica.

## 2 I UMA VISÃO GERAL DO DOCUMENTO ‘ LOUVADO SEJAS’

O que está acontecendo no planeta terra, a nossa casa comum? Infelizmente não há “notícias boas”. Eis, a seguir, seus principais problemas: 1) Poluição e mudanças climáticas: “A exposição aos poluentes atmosféricos produz uma vasta gama de efeitos sobre a saúde, particularmente dos mais pobres, e provocam milhões de mortes prematuras” (n. 20). 2) A água: “Grandes cidades, que dependem de importantes reservas hídricas, sofrem períodos de carência do recurso” (n. 28). 3) Perda da biodiversidade: “A perda de florestas e bosques implica simultaneamente a perda de espécies que poderiam constituir, no futuro, recursos extremamente importantes não só para a alimentação mas também para a cura de doenças e vários serviços” (n. 32). 4) Deterioração da qualidade de vida humana e degradação social: “Muitas cidades são grandes estruturas que não funcionam, gastando energia e água em excesso” (n. 44). 5) Desigualdade planetária: “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social” (n. 48).

Exatamente com estas palavras, no dia 24 de maio de 2015, o Papa Francisco apresentou o problema ecológico, na encíclica “Louvado sejam: sobre o cuidado da casa comum”.

A “*casa comum*” é o nosso “Planeta Terra”. Aliás, a palavra “Ecologia” provém do grego *oikós* (=lugar de habitação) e *loghía* (= estudo): e se refere à ciência que “estuda” o mundo como “morada” do homem.

No início do documento citado, Francisco apontava para a causa da degradação do meio ambiente, nestes termos: “A irmã (Terra) clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus



nela colocou. Crescemos pensando que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la” (n. 2).

Apresentam-se, a seguir, algumas significativas reflexões do “Louvado seja”, valiosas não só para aqueles que têm a fé cristã, ou simplesmente religiosa, mas para “cada pessoa que habita neste planeta” (n. 3).

## **2.1 Ecologia: uma abordagem religiosa**

A ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas (n. 62). De fato, se tivermos presente a complexidade ecológica, devemos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade (n. 63). Além disso, não se pode esquecer que as convicções de fé oferecem aos cristãos, e também a outros crentes, motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis (n. 64).

Neste sentido a Bíblia mostra quem é o homem e o que é o mundo. Cada ser humano é criado por amor e é feito à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,1): o que aponta para a sua grande dignidade (n. 65). E a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais: com Deus, com o próximo e com a terra. Mas estas três relações se romperam: e essa ruptura é o pecado, quer dizer, a falta de harmonia. O homem quis ocupar o lugar de Deus, recusando-se a se reconhecer como criatura limitada. E o pecado se manifesta hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência, no abandono dos mais frágeis e nos ataques contra a natureza (n. 66).

Deus “colocou o homem no jardim de Eden para que o cultivasse e guardasse” (Gn 2,15). Mas “guardar” significa proteger, cuidar, preservar e velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza (n. 67). Isso implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo (n. 68).

A seguir, o documento “Louvado sejam” apresenta as etapas mais significativas da Bíblia nas quais continuamente aparece esta relação de harmonia, ou de conflito entre o homem diante de Deus e diante da terra: lembra os relatos de Caim/Abel, Noé (dilúvio); e fala da legislação de Israel sobre o sábado, o ano sabático e o ano jubilar: de fato é sinal do respeito para com o homem e com a terra a instituição do sábado (o descanso semanal), do ano sabático (uma vez cada sete anos não se semeava e só se colhia o indispensável para sobreviver e oferecer hospitalidade) e o jubileu (depois de 49 anos, além do descanso do trabalho da terra, “cada um recuperava a sua propriedade” [Lv 25,13], para que se evitasse a concentração dos bens nas mãos de poucos) (n. 71).

Lembra-se que, atrás da “natureza”, existe um “projeto de amor de Deus” (n. 76); que cada homem “tem em si uma identidade pessoal, capaz de entrar em diálogo com os outros e com o próprio Deus” (n. 81); que “nenhuma criatura fica fora da manifestação de Deus” (n. 85); que “tudo está relacionado e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra” (n. 92); que “a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos” (n. 93). E, quanto ao “olhar de Jesus”, o texto lembra que ele “podia convidar os outros a estar atentos à beleza que existe no mundo, porque Ele próprio vivia em contato permanente com a natureza e prestava-lhe uma atenção cheia de carinho e admiração dizendo ‘Levantai os olhos e vede os campos que estão dourados para a ceifa’ (Jo 4, 35)” (n. 97). Além disso, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem: ‘Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele’ (Cl 1, 16) (n. 99); e o Cristo ressuscitado e glorioso, está presente em toda a criação com o seu domínio universal, que se manifestará no fim dos tempos (n. 100).

## **2.2 Ecologia: a falta de cuidado**

Há um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até ao ponto de a arruinar (n. 101). Isso se percebe, antes de tudo, pela maneira com a qual o homem se serve da tecnologia. Por um lado, é justo que nos alegremos com os progressos da tecnologia (n. 102). Não podemos, porém, ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outras potencialidades que adquirimos nos dão um poder tremendo sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro. Basta lembrar as bombas atômicas lançadas em pleno século XX (n. 104). De fato, o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência (n. 105).

Sempre se verificou a intervenção do ser humano sobre a natureza, mas agora, o que interessa é extrair o máximo possível das coisas. Daqui passa-se facilmente à ideia dum crescimento infinito ou ilimitado, que tanto entusiasmou os economistas, os teóricos da finança e da tecnologia (n. 106).

É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder (n. 107). E o paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política (n. 109). A fragmentação do saber realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o

sentido da totalidade. Isto impede de individuar caminhos adequados para resolver os problemas mais complexos do mundo atual, sobretudo os do meio ambiente e dos pobres, que não se podem enfrentar a partir duma única perspectiva nem dum único tipo de interesses (n. 110). Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade de uma outra forma (n. 114). Em seguida, o documento critica aquele relativismo prático que se dá quando o ser humano, colocando-se no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo (n. 122).

Uma outra consequência deste antropocentrismo é a desvalorização do trabalho humano. Mas não podemos esquecer que o trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, de desenvolvimento humano e de realização pessoal. Neste sentido, ajudar os pobres com o dinheiro deve ser sempre um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho (n. 128).

Uma das questões de toda esta problemática diz respeito à inovação biológica a partir da pesquisa: o que poderia levar a uma indiscriminada manipulação genética que ignore os efeitos negativos destas intervenções (n. 131). Além disso, é preocupante constatar que alguns movimentos ecologistas, por um lado, defendem justamente a integridade do meio ambiente mas, por outro lado, não aplicam estes mesmos princípios à vida humana. Muitas vezes justifica-se que se ultrapassem todos os limites, quando se fazem experiências com embriões humanos vivos. Esquece-se que o valor inalienável do ser humano é independente do seu grau de desenvolvimento (n. 136).

### **2.3 Ecologia integral**

O adjetivo “integral” já aponta para os vários aspectos da ecologia, que vão ser tratados no capítulo IV do documento (n. 137-162), a saber: Ecologia ambiental, econômica e social (n. 138-142); Ecologia cultural (n. 143-146); e Ecologia da vida quotidiana (n. 147-155). De fato, os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial (n. 137). Em seguida apresentam-se algumas considerações sobre o princípio do bem comum (n. 156-158); e a justiça intergeracional (159-162).

A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o *meio ambiente* onde se desenvolvem. E isto exige refletir acerca das condições de vida e de sobrevivência duma sociedade (n. 138). Não há duas crises separadas: uma *ambiental* e outra *social*; mas uma única e complexa crise *sócio-ambiental* (n. 139).

Hoje, pois, a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa

consigo mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente. Por isso, é necessária uma *ecologia econômica*, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla (n. 141).

Além do patrimônio natural, encontra-se igualmente ameaçado um patrimônio histórico, artístico e cultural. Por isso, a *ecologia* envolve também o cuidado das *riquezas culturais* da humanidade. É preciso, pois, que se preste atenção às culturas locais, quando se analisam questões relacionadas com o meio ambiente, fazendo dialogar a linguagem técnico-científica com a linguagem popular (n. 143). A visão consumista do ser humano, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade (n. 144). O desaparecimento duma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal (n.145).

A sucessiva temática relativa à *Ecologia da vida quotidiana* diz respeito à maneira de viver a vida, no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro. Esforçamo-nos por nos adaptar ao ambiente e, quando este aparece desordenado, caótico ou cheio de poluição visiva e acústica, o excesso de estímulos põe à prova as nossas tentativas de desenvolver uma identidade integrada e feliz (n.147). É preciso, pois, cuidar dos espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas que melhoram o nosso sentido de pertença, a nossa sensação de enraizamento, o nosso sentimento de 'estar em casa' dentro da cidade que nos envolve e une (n. 150-151).

O documento aponta para outros problemas, como o da falta de habitação, tanto nas áreas rurais, como nas grandes cidades (n. 152), o dos transportes inadequados, que muitas vezes são causa de grandes tribulações para os habitantes das cidades (n. 153) e o do estado de abandono e desleixo que sofrem alguns habitantes das áreas rurais (n. 154). Fala em seguida de uma *ecologia humana* que se expressa também na aceitação do próprio corpo, cuidando dele e respeitando os seus significados, inclusive na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente (n. 155).

O bem comum consiste no conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos, como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição (n. 156): pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com seus direitos fundamentais e inalienáveis; e exige os dispositivos de bem-estar e segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios, aplicando o princípio da subsidiariedade. Destaca-se, de forma especial, a valorização da família, enquanto célula basilar da sociedade. O bem comum requer a paz social (n. 157); e, nas condições atuais da sociedade mundial, apela para a solidariedade e para uma opção preferencial pelos mais pobres (n. 158).

Por fim, a noção de bem comum engloba também as gerações futuras: trata-

se da *justiça intergeracional*. Quando pensamos na situação em que se deixa o planeta às gerações futuras, entramos numa outra lógica: a do dom gratuito, que recebemos e comunicamos (n. 159). As previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia. Às próximas gerações, poderíamos deixar demasiadas ruínas, desertos e lixo (n. 161).

## 2.4 Ecologia e política

O capítulo V do documento (n. 163-201), intitulado “Algumas Linhas de orientação e ação”, procura delinear grandes percursos de diálogo que ajudem a sair da espiral de autodestruição (n. 163); e, mais especificamente: o diálogo sobre o meio ambiente na política internacional (n. 164-175), o diálogo para novas políticas nacionais e locais (n. 176-181), o diálogo e transparência nos processos decisórios (n. 181-188), a Política e economia em diálogo para a plenitude humana (n. 189-198) e as religiões no diálogo com as ciências (n. 199-201). Destacam-se, a seguir, apenas alguns pontos.

As cúpulas mundiais sobre o meio ambiente dos últimos anos não corresponderam às expectativas, porque não alcançaram, *por falta de decisão política*, acordos ambientais globais realmente significativos e eficazes (n. 166), inclusive no sistema de governança dos oceanos (n. 174). Além disso, criticam-se aquelas estratégias que apostam na internacionalização dos custos ambientais, como a compra-venda de ‘créditos de emissão’, que não ajuda a reduzir a emissão global de gases poluentes (n. 170-171). Neste contexto, torna-se indispensável a maturação de instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial por meio de acordos entre os governos nacionais e dotadas de poder de sancionar (n. 175).

Destaca-se a importância do *Direito*, que atua como moderador efetivo, estabelecendo regras para as condutas permitidas, à luz do bem comum (n. 177). Mas, dado que o direito por vezes se mostra insuficiente devido à corrupção, requer-se uma decisão política sob pressão da população (n. 179). Criticam-se as atitudes de governos que, respondendo a interesses eleitorais, não se aventuram facilmente a irritar a população com medidas que possam afetar o nível de consumo ou pôr em risco investimentos estrangeiros (n. 178). A nível nacional e local, há sempre muito que fazer, como, por exemplo, promover formas de poupança energética, com menor utilização de matérias-primas, retirando do mercado os produtos pouco eficazes do ponto de vista energético ou mais poluentes (n. 180).

Fala-se, em seguida, da necessidade de um sério estudo sobre o impacto ambiental (n. 183), sobre a necessidade de tomar decisões baseadas num confronto entre riscos e benefícios (n. 184) e sobre a aplicação do ‘princípio de precaução’, para o qual, se a informação objetiva leva a prever um dano grave e irreversível,

mesmo que não haja uma comprovação indiscutível, o projeto previsto deverá ser suspenso, ou modificado (n. 186).

No item “Política e economia em diálogo para a plenitude humana” afirma-se que a política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia (n. 189). Temos de nos convencer que reduzir um determinado ritmo de produção e consumo pode dar lugar a outra modalidade de progresso e desenvolvimento (n. 191). Um desenvolvimento tecnológico e econômico, que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior, não se pode considerar progresso (n. 194).

A política e a economia tendem a culpar-se reciprocamente a respeito da pobreza e da degradação ambiental. Mas o que se espera é que reconheçam os seus próprios erros e encontrem formas de interação orientadas para o bem comum (n. 198).

Por fim, no item “As religiões no diálogo com as ciências” afirma-se que não se pode sustentar que as ciências empíricas expliquem completamente a vida, a essência íntima de todas as criaturas e o conjunto da realidade. Se se reflete dentro deste quadro restrito, desaparecem a sensibilidade estética, a poesia e ainda a capacidade da razão perceber o sentido e a finalidade das coisas. Os textos religiosos clássicos podem oferecer um significado para todas as épocas e possuem uma força motivadora que abre sempre novos horizontes. Será razoável e inteligente relegá-los para a obscuridade, só porque nasceram no contexto duma crença religiosa? Os princípios éticos, que a razão é capaz de perceber, sempre podem reaparecer sob distintas roupagens e expressos com linguagens diferentes, incluindo a religiosa (n. 199).

Em todo o caso, será preciso fazer apelo aos crentes para que sejam coerentes com a sua própria fé e não a contradigam com as suas acções. Se às vezes uma má compreensão dos princípios religiosos levou a justificar o abuso da natureza, ou as guerras, a injustiça e a violência, os crentes devem reconhecer que então foram infiéis ao tesouro de sabedoria que deviam guardar (n. 200).

A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção duma trama de respeito e de fraternidade. De igual modo é indispensável um diálogo entre as próprias ciências, porque cada uma costuma fechar-se nos limites da sua própria linguagem, e a especialização tende a converter-se em isolamento. A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade (n. 201).

## 2.5 Ecologia e Educação

O capítulo VI do documento (n. 202-246), intitulado “Educação e espiritualidade ecológicas” diz respeito ao grande desafio cultural, espiritual e educativo para permitir novas convicções, atitudes e estilos de vida (n. 202); e mais especificamente: apontar para outro estilo de vida (n. 203-208), educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente (n. 209-215), a conversão ecológica (n. 216-221), alegria e paz (n. 222-227), amor civil e político (n. 228-232), os sinais sacramentais e o descanso celebrativo (n. 233-237), a Trindade e a relação entre as criaturas (n. 238-240), a Rainha de toda a criação (n. 241-242) e para além do sol (n. 243-246). Aqui também, destacam-se, a seguir, apenas alguns pontos.

O mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos (n. 203). Isso acontece porque, quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir (n. 204). Existe uma responsabilidade social dos consumidores. A esse respeito é bom lembrar que, quando os hábitos da sociedade afetam os ganhos das empresas, estas vêem-se pressionadas a mudar a produção (n. 206).

A Carta da Terra, iniciativa global da sociedade civil, publicada no ano de 2000, convidava a todos, nestes termos: “Como nunca antes na história, o destino comum obriga-nos a procurar um novo início” (n. 207).

A educação ambiental, no começo, estava muito centrada na informação científica e na conscientização e prevenção dos riscos ambientais, mas agora tende a incluir uma crítica dos ‘mitos’ da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras) e tende também a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus. A educação ambiental deveria predispor-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma *ética ecológica* recebe o seu sentido mais profundo (n. 210).

\_O respeito para com o ambiente se manifesta através de pequenas ações diárias, tais como: evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias (n. 211). E isso, nos vários âmbitos educativos (escola, família, os meios de comunicação, a catequese, e outros (n. 213), sem esquecer, naturalmente, que compete à política e às várias associações um esforço de formação das consciências da população (n. 214).

Os itens que seguem, a partir da temática da “conversão ecológica” referem-

se especificamente aos cristãos: a eles Francisco propõe algumas *linhas de espiritualidade ecológica*, que gera motivações para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo (n. 216). Ei-las: a) viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa (n. 217); b) São Francisco de Assis é um modelo para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa (n. 218); c) a conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária, até porque não basta que cada um seja melhor (n. 219); d) esta conversão comporta várias atitudes: em primeiro lugar, gratidão e reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos; a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal; a reponsabilidade para fazer crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, que o leva a desenvolver a sua criatividade e entusiasmo para resolver os dramas do mundo, oferecendo-se a Deus ‘como sacrifício vivo, santo e agradável’ (Rm 12, 1) (n. 220).

Há várias convicções da fé cristã que ajudam a enriquecer o sentido dessa conversão ecológica, a saber: a consciência de que cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para transmitir, ou a certeza de que Cristo assumiu em Si mesmo este mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz; e ainda o reconhecimento de que Deus criou o mundo, inscrevendo nele uma ordem e um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar. Tudo isso suscita aquela sublime fraternidade com a criação inteira que viveu, de maneira tão elucidativa, São Francisco de Assis (n. 221).

A espiritualidade cristã encoraja um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda *alegria* sem estar obcecado pelo consumo: propõe, assim, um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco (n. 222). Trata-se de uma sobriedade, vivida livre e conscientemente, que é libertadora: dá apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprende a familiarizar com as coisas mais simples e sabe alegrar-se com elas. Encontra satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração (n. 223).

O desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente. Não é fácil desenvolver esta humildade sadia e uma sobriedade feliz, se nos tornamos autônomos, se excluimos Deus da nossa vida fazendo o nosso eu ocupar o seu lugar (n. 224).

Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a



harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada (n. 225).

Vivemos, há muito tempo, na degradação moral, furtando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade. Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade (n. 229). É preciso se contrapor a este estilo de vida através de um amor fraterno gratuito (n. 228), a partir de pequenos gestos. Este amor, é também *civil e político*. Neste contexto, o amor social impele a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma *cultura do cuidado* que permeie toda a sociedade (n. 231).

Na espiritualidade cristã há um espaço significativo na experiência dos sacramentos, que constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. A água (batismo), o azeite (crisma, unção dos enfermos, ordem), o fogo (círio pascal) e as cores (na liturgia), a mão que abençoa, o pão (consagrado na Eucaristia) são assumidos com toda a sua força simbólica e incorporam-se no louvor (n. 235-236). Além disso, a celebração do domingo torna este dia como um tempo de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo (n. 237).

Por fim, a fé cristã na Trindade considera o Pai como a fonte última de tudo; o Filho, como Aquele por Quem tudo foi criado e se uniu a esta terra; e o Espírito, como vínculo infinito de amor, intimamente presente no coração do universo (n. 238). Isso leva a pensar que toda a realidade contém em si mesma uma marca propriamente trinitária (n. 239) E como as Pessoas divinas se relacionam continuamente e reciprocamente, assim também o mundo, criado segundo o modelo divino, é uma trama de relações. Nesta perspectiva, a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas (n. 240).

Os últimos números do Documento fazem referência a Maria Mãe de Cristo, cujo corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, é uma parte da criação que alcançou toda a plenitude da sua beleza (n. 241); e apontam para o final da história, a vida eterna, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar (n. 243). Assim, “na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu” (n. 244). Segue, por fim o convite à “oração pela nossa terra” e à “oração cristã com a criação”.

### 3 I UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO LIVRE E SUSTENTÁVEL A PARTIR DE AMARTYA SEN

A abordagem da encíclica deixa evidente o grave problema ético que envolve a questão do modelo de desenvolvimento predominante na sociedade hoje e a urgência de pensar alternativas que respeitem a ecologia integral. Neste item, faz-se o esforço a partir de Amartya Sen de apresentar um modelo alternativo. Constata-se a insuficiência do modelo predominante e a necessidade de pensar uma alternativa. Apresenta-se a perspectiva da sustentabilidade a partir do desenvolvimento como ampliação das liberdades substanciais, com destaque a educação e saúde. Abordam-se as experiências vigentes e a afirmação da liberdade como fim e meio para o desenvolvimento sustentável.

Neuro Zambam inicia o capítulo dois de seu livro “Amartya Sen, liberdade, justiça e desenvolvimento sustentável”, onde trata do desenvolvimento sustentável com a seguinte colocação.

O modelo de desenvolvimento que caracteriza o ordenamento das sociedades contemporâneas, alicerçado, como mencionado anteriormente, prioritariamente, sobre o aumento do Produto Nacional Bruto, o acesso e a modernização das tecnologias, o processo de industrialização e o aprimoramento das relações de mercado, não tem legitimidade moral. (2012, p. 135).

A crítica ao modelo predominante é aqui, como na “Louvado Sejas”, explícita e dispensa maiores comentários, enquanto ponto de partida comum. Há, porém um significativo distanciamento que pode expressar-se na tensão entre autoridade e legitimidade, especialmente quando se compreende a tensão entre liberdade e tradição. Nas palavras de Amartya Sen:

1) O valor básico de que se deve permitir às pessoas decidir livremente que tradições elas desejam ou não seguir; e

2) A insistência em que tradições estabelecidas sejam seguidas (haja o que houver) ou, alternativamente, em que as pessoas têm de obedecer às decisões de autoridades religiosas ou seculares que impõem a observância das tradições – reais ou imaginárias. (2010, p.50).

Por um lado, o documento “Louvado sejas” pertence à tradição Católica, e por outro Amartya Sen é um economista que pertence à tradição do pensamento liberal. Porém, além das tensões, há pontos de convergência e correção recíproca.

Como liberal, Sen pensa a seguinte questão: “Se temos razões para querer mais riqueza, precisamos indagar: quais são exatamente essas razões, como elas funcionam ou de que elas dependem, e que coisas podemos ‘fazer’

com mais riquezas?” (2010, p. 28). E logo dá seu primeiro critério para avaliar o desenvolvimento: “O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e as liberdades que desfrutamos.” (2010, p. 29). Não se pode negar, contudo, que o tema da liberdade e de sua privação, antes de ser um tema moderno, foi e é um tema dos Cristianismo. O reconhecimento da liberdade leva ao reconhecimento da dignidade humana e da integridade dos direitos humanos em muitos autores, inclusive no próprio Sen, como atesta o capítulo 17, intitulado “Direitos humanos e imperativos globais” do seu livro “A ideia de Justiça” (2011, p. 390 et seq.). Centrar o desenvolvimento nas liberdades para ele significa orientá-lo para a promoção da justiça e dos direitos humanos, através da promoção das capacitações dos seres humanos.

Sen identifica inúmeras formas de privação de liberdade, como a pobreza, a fome, a mortalidade e a privação das capacidades, além do autoritarismo político. Apresenta-se como um defensor da democracia, mostrando suas raízes globais além da tradição ocidental no livro “El valor de la democracia” (2009). O modelo desenvolvimentista centrado no PNB é em muitos casos concentrador de recursos e não supera as gritantes desigualdades, negligenciando os recursos ambientais, como afirma Zambam (2012, p. 135). O próprio Sen (2010), ao tratar do Tema “Pobreza e mortalidade”, lembra que a população negra nos EUA tem expectativa de vida próxima e até inferior à população de países muito mais pobres como China e Índia.

Por outro lado, Sen também lembra que a negação de oportunidade de transação por meio de controles arbitrários pode ser uma fonte de privação de liberdade, argumentando a favor do mercado. Além disso, políticas de restrições arbitrárias ao mercado podem ter o efeito de restringir a expansão de liberdades subjetivas por meio da prosperidade geral. Mesmo assim, não nega que os mercados podem ser contraproducentes e que precisam de regulação, como exemplificou a partir do controle financeiro na própria tradição de Adam Smith (2010, p. 42-43).

A partir deste quadro inicial que reconhece os sistemas econômicos e políticos, mas também suas insuficiências em promover o bem-estar das pessoas e o desenvolvimento sustentável, Sen desenvolve sua proposta.

Em sua abordagem do desenvolvimento como liberdade Sen afirma: “Ter mais liberdade para fazer as coisas que são justamente valorizadas é (1) importante por si mesmo para a liberdade global da pessoa e é (2) importante porque favorece a oportunidade de a pessoa ter resultados valiosos.” (2010, p. 33). Ele considera que o desenvolvimento da pessoa vai no sentido de ter mais liberdade através da sua capacitação. Tem-se o exemplo do Dr Ben Carson um negro pobre nos EUA, que mediante sua capacitação se tornou o mais importante neurocirurgião, realizando grandes façanhas na área. A liberdade substantiva de poder estudar em uma boa

escola lhe permitiu resultados valiosos. Sen também afirma: “Se nossa atenção for desviada de uma concentração exclusiva sobre a pobreza de renda para a ideia mais inclusiva da privação de capacidade, poderemos entender melhor a pobreza das vidas e liberdades humanas com uma base informacional diferente.” (2010, p. 35). Isso permite ao autor abordar o que Zambam chama de “Outras concepções político metodológicas de desenvolvimento, elegendo, em primeiro plano, as prioridades relacionadas com as necessidades humanas, sociais, ambientais e culturais e, também, com os demais aspectos que envolvem esse panorama.” (2012, p. 136). Sen desenvolve a seguinte visão na qual o desenvolvimento é entendido como:

[...] um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. Nesta abordagem a expansão da liberdade é considerada (1) *o fim principal* e (2) *O principal meio* do desenvolvimento. O papel constitutivo relaciona-se à importância da liberdade substantiva no enriquecimento da vida humana. (2010, p. 55).

A participação política é parte *constitutiva* do próprio desenvolvimento. Ele afirma tanto a importância *intrínseca*, quanto *instrumental* da liberdade humana. Desse modo, a liberdade é um valor por si só importante (2010, p. 56). Além disso, é também um valor instrumental, enquanto liberdade política, econômica, social, garantia de transparência e segurança. A liberdade é não apenas o objetivo, mas o principal meio do desenvolvimento em seu sentido mais integral. Neste sentido, para Sen, as *liberdades políticas*:

[...] referem-se às oportunidades que as pessoas têm para determinar quem deve governar e com base em que princípios, além de incluir a possibilidade de fiscalizar e criticar as autoridades, de ter liberdade de expressão política e uma imprensa sem censura, de ter liberdade de escolher entre diferentes partidos políticos etc. (2010, p. 58).

Já as *Facilidades econômicas*: “São as oportunidades que os indivíduos têm para utilizar recursos econômicos com propósitos de consumo, produção ou troca” (2010, p. 59), enquanto que as “*Oportunidades sociais* são as disposições que a sociedade estabelece nas áreas de educação saúde etc., as quais influenciam a liberdade substantiva de o indivíduo viver melhor.” (2010, p. 59). Elas também são importantes para a efetiva participação econômica e política. “*As garantias de transparência* referem-se às necessidades de sinceridade que as pessoas podem esperar: a liberdade de lidar uns com os outros sob garantias de segredo e clareza.” (2010, p. 60). Supõe eticidade e cumplicidade. “*A segurança protetora* é necessária para proporcionar uma rede de segurança social, impedindo que a população afetada seja reduzida à miséria abjeta e, em alguns casos, até mesmo a fome e morte.” (2010, p. 60).

Essas passagens deixam muito claro que o modelo mais amplo de avaliação do

desenvolvimento não se fixa apenas no aumento de renda, mas também na expansão dos serviços sociais.

Sen relata que o Japão foi um exemplo pioneiro de intensificação do crescimento econômico por meio da oportunidade social, seguido pelos Tigres Asiáticos. Segundo ele, esse exemplo solapou o preconceito de que o “desenvolvimento humano” é um tipo de luxo que apenas os países mais ricos podem se dar. Ele também relata que, quando adotou a orientação para o mercado em 1979, a China já contava com um povo altamente alfabetizado para aproveitar as oportunidades econômicas (2010, p. 60- 63).

Ao comparar a China com a Índia, Sen mostra a vantagem da primeira com relação à educação e a vantagem da segunda com relação à liberdade. Ambas melhoram seus sistemas e possuem altos índices de crescimento atualmente. Por fim Sen conclui que a expectativa de vida se eleva “ *por meio* do dispêndio público com serviços de saúde e *por meio* do êxito na eliminação da pobreza. O principal é que o impacto do crescimento econômico depende muito do modo como seus *frutos* são aproveitados.” (2010, p. 66). Aplicado ao Brasil, torna-se fácil verificar essa relação de aumento da expectativa de vida e do IDH nos últimos anos e também entender seu retrocesso recente.

Sen afirma que: “A expansão de oportunidades sociais serviu para facilitar o desenvolvimento econômico com alto nível de emprego, criando também circunstâncias favoráveis para a redução das taxas de mortalidade e para o aumento da expectativa de vida.” (2010, p. 67). Cita Coreia do Sul e Taiwan como economias com grande êxito no crescimento econômico *com* grande aumento da duração e qualidade de vida. Em contraste, cita o Brasil com grande êxito no crescimento econômico sem grande aumento na duração e qualidade de vida. Porém, durante os últimos governos, o Brasil logrou significativos avanços na qualidade e expectativa de vida. No entanto, na atual crise político-econômica, a elite brasileira decidiu voltar ao modelo anterior descrito por Sen. Ele também cita o contraste entre países com grande êxito no aumento da duração e qualidade de vida sem elevado crescimento econômico como Sri Lanka, China pré-reforma e o Estado indiano de Kerala (2010, p. 67). Hoje, a Índia, com altas taxas de crescimento ultrapassou o PIB do Brasil.

Por fim Sen aborda o processo conduzido pelo custeio público. Em suas palavras “Apesar de seus níveis de renda baixíssimos, os habitantes de Kerala, China ou Sri Lanka apresentam níveis de expectativa de vida imensamente mais elevados do que as populações muito mais ricas do Brasil, África do Sul e Namíbia, sem mencionar o Gabão.” (2010, p. 69). Ele também responde à questão do custeio. Para os países de renda baixa: “Os serviços sociais relevantes (...) são altamente *trabalhos intensivos* e, portanto, relativamente baratos nas economias pobres onde os salários são baixos.” (2010, p. 70). E complementa: “Por outro lado, o sucesso do processo

conduzido pelo custeio público realmente indica que um país não precisa esperar até vir a ser muito rico (...) antes de lançar-se na rápida expansão da educação básica e dos serviços de saúde.” (2010, p. 71).

Como consequência dessas análises, Sen afirma: “A expansão da liberdade é tanto o principal fim como o principal meio para o desenvolvimento.” (2010, p. 77). Em seguida ele arremata: “Correspondendo a múltiplas liberdades inter-relacionadas, existe a necessidade de desenvolver e sustentar uma pluralidade de instituições, como sistemas democráticos, mecanismos legais, estruturas de mercado, provisão de serviços de educação e saúde, facilidades para a mídia e outros tipos de comunicação etc.” (2010, p. 77).

Segundo Zambam: “O desenvolvimento econômico opera, nessa nova perspectiva, como um meio importante para o desenvolvimento humano sustentável.” (2012, p. 138).

Ao mesmo tempo, o tema central resulta na necessidade da atenção universalista em valorizar o enaltecimento das capacidades humanas, contrário ao interesse injusto em promover o crescimento agregado enquanto desprezando como os frutos são distribuídos e o que é feito para fazer com que esses frutos sirvam aos interesses dos menos privilegiados (SEN; SUDNIR 1994, apud ZAMBAM 2012, p.139).

Zambam lembra que “um modelo de desenvolvimento que prima pela sustentabilidade está integrado com uma concepção de justiça que orienta a organização social.” (2012, p .140). Por isso, segundo Sen e Sudnir:

[...] a obrigação de sustentabilidade não pode ser confiada inteiramente ao mercado. O futuro não é adequadamente representado pelo mercado, nem mesmo o futuro distante, e não há razão que ordene o comportamento do mercado com a obrigação de cuidar do futuro como nós cuidamos. (Apud ZAMBAM, 2012, p .141).

Zambam, na sequência, lembra que o Estado tem como responsabilidade implícita a busca de soluções para as necessidades presentes e futuras. Mas o processo não pode estar apenas centrado na ação do Estado e seu aparato institucional. Então Sen e Sudnir concluem: “Nesse sentido, o desenvolvimento humano deveria ser visto como a maior contribuição para a realização da sustentabilidade.” (Apud ZAMBAM p. 48-149). Zambam, por sua vez, escreve:

A concepção sistêmica de desenvolvimento sustentável, em virtude da preocupação com os recursos naturais, considera prioritárias e relevantes, além da condição de bem-estar das pessoas e do necessário crescimento econômico, as diferentes e constantes variáveis que compõem a complexidade da vida social e ambiental, assim como a necessidade de não prejudicar a existência de vida humana no futuro e a administração equilibrada dos recursos naturais. (2012, p.164).

Fica claro para Zambam a responsabilidade moral de reordenar o processo de desenvolvimento em curso e de restabelecer com a natureza uma relação de respeito, admiração e cultivo. Neste sentido o desenvolvimento econômico pode se articular com o princípio da sustentabilidade, tendo-o como indicativo para sua organização e critério de avaliação a liberdade (2012, p.165). Por fim, Zambam afirma o nexó entre desenvolvimento sustentável e liberdade nos seguintes termos: “O exercício das liberdades substantivas não restringe nem limita a ação humana, mas orienta o modelo de desenvolvimento sustentável considerando as diferentes necessidades, os recursos tecnológicos e ambientais disponíveis e a responsabilidade para com as futuras gerações. (2012, p.169).

## 4 | CONCLUSÃO

Pode-se verificar que, no Documento ‘Louvado sejas’, há uma boa parte que constitui uma mensagem dirigida “a toda a família humana” (n. 13), como também outras partes que fazem referência à experiência especificamente cristã, e até católica. Entende-se, assim, que houve uma repercussão não somente nos ambientes religiosos, particularmente católicos, mas em muitos meios de comunicação (jornais, TV etc.), inclusive por parte de não crentes, que consideraram muito importantes as reflexões apresentadas. E pode-se responder à pergunta apresentada no título desta reflexão afirmando que precisa “cuidar da criação” porque o futuro da “mãe Terra” interessa a todos.

Quanto ao pensamento de Amartya Sen, verifica-se que o mesmo apresenta tanto uma crítica ao modelo de desenvolvimento centrado no crescimento do PNB, como uma significativa sensibilidade ética, para com a liberdade e a dignidade da pessoa, vinculado à ampliação de suas capacidades, que pode expandir-se no sentido de um modelo de desenvolvimento livre e sustentável, na medida em que incorpora o cuidado com a natureza e bem-estar das gerações futuras.

Integra-se, assim, com as devidas distinções, uma abordagem religiosa, ética antropológica, política, econômica, educacional e cultural na abordagem de um modelo de desenvolvimento livre e sustentável.

## REFERÊNCIAS

BENTO XVI, Papa. Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação. Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz 2010. *L'Osservatore Romano*, Città del Vaticano, 15 dez. 2009. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/messages/peace/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20091208\\_xliiii-world-day-peace\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20091208_xliiii-world-day-peace_po.html)>. Acesso em: 28 out. 2016.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização e espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Carta da Terra*, Haia, 29 jun. 2000. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/\\_arquivos/carta\\_terra.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf)>. Acesso em 20 jul. 2016.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. 5. ed. Campinas: Armazém Ipê, 2008. p. 19-33.

FIORILLO, Celso Antônio Pacheco. *Curso de Direito Ambiental Brasileiro*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum, 24 maio 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)>. Acesso em: 20 jul. 2016.

JUNGUES, José Roque. *Ética Ambiental*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

JUNGES, José Roque. Desafios das biotecnologias à teologia moral. In: TRASFERETTI, José; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Ser e Viver: Bioética, biotecnologias e sexualidade*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2008. p. 63-75.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexibilidade, poder*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MILARÉ, Edis. *Direito do Ambiente*. 8. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.

MORIN, Edgar. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Garamand, 2000.

NALINI, Renato. Justiça: aliada eficaz na natureza. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. 4. ed. Campinas: Armazém Ipê, 2005. p. 284-305.

PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Problemas atuais de Bioética*. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2007.

RAMPAZZO, Lino. Aspectos éticos e místicos do Texto-base da Campanha da Fraternidade 2004: Fraternidade e Água. In: YOSHIDA, Consuelo Yatsuda Moromizato (Org.). *Recursos Hídricos: aspectos éticos, jurídicos, econômicos e socioambientais*. Campinas: Alínea, 2007. Cap. 1. p. 9-36. v. 1.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Religião e Psicologia. In: HOLANDA, Adriano (Org.). *Psicologia, religiosidade e fenomenologia*. Campinas: Alínea, 2004. p. 11-36.

SEN, Amartya. *A ideia de justiça*. Tradução de Denise Bottmann e Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento como Liberdade*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



\_\_\_\_\_. *El valor de la democracia*. Trad. Javier Lomeli Espanha. Barcelona: El Viejo Topo, 2009.

SGREGGIA, Elio. *Manual de Bioética: I - Fundamentos e Ética Biomédica*. 2. ed. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, Olmiro Ferreira da. *Direito ambiental e ecologia: aspectos filosóficos contemporâneos*. Barueri: Manole, 2003.

SOARES, Guido Fernando Silva. *Direito internacional e meio ambiente: emergência, obrigações e responsabilidade*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SUSIN, Luiz Carlos. *Nosso planeta, nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

YOSHIDA, C. Y. M.; RAMPAZZO, L. (Orgs.) . *O Direito e a Dignidade Humana: aspectos éticos e socioambientais*. Campinas: Alínea, 2012.

ZAMBAM, Neuro J. *Amartya Sem liberdade, justiça e desenvolvimento sustentável*. Passo Fundo: IMED, 2012.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acolhimento 14, 16, 17, 86, 100

Afeto 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30

Aluno 1, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 35, 36, 42, 44, 51, 61, 62, 63, 64, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 94, 105, 107, 111, 117, 120, 141, 148, 149, 156, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 185, 192, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 211, 212, 213, 214

Amartya Sen 66, 81, 83

Anatomia humana 52, 55, 56, 58, 59, 60

Anos iniciais 152, 153, 154, 158

Aprendizagem 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 47, 52, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 89, 93, 102, 107, 108, 111, 113, 114, 121, 131, 138, 155, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 176, 180, 181, 182, 184, 188, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 207, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 220

Aprendizagem significativa 31

Atendimento educacional especializado 31, 32, 61, 62, 84, 85, 87, 88, 90, 94, 95, 160, 162, 165, 173, 174

Autismo 61, 64, 88, 90

Avaliação sistêmica 184, 185

Axiomas 102, 103, 104, 105, 107

### B

Baixa tecnologia assistiva 160, 161, 163, 164, 166, 171, 172

Baleia azul 136, 137, 138, 144, 145, 147, 149, 150, 151

Bullying 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 149, 150, 151

### C

Competência comunicativa oral 110, 112, 114, 115, 116, 117, 121, 122

Contemporaneidade 126, 127, 129, 132, 133, 146, 149

Cultura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 21, 33, 36, 41, 44, 45, 48, 49, 50, 70, 75, 95, 96, 98, 99, 100, 113, 126, 127, 128, 134, 138, 140, 155, 173, 174, 179, 182, 190, 200, 203, 205, 206, 207, 221

### D

Deficiência intelectual 90, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 172, 173, 174

Democracia 77, 83, 96, 97, 98, 99, 100, 199

Desenvolvimento 7, 9, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 43, 50, 52, 53, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 121, 129, 130, 132, 136, 137, 138, 139, 152, 155, 159, 160, 161, 163, 165, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 181, 182, 188, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221

Desenvolvimento sustentável 65, 76, 77, 80, 81, 83

Direitos humanos 77, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 140, 141, 149, 151, 173, 219

Discurso 32, 111, 114, 117, 118, 126, 133, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 191

## **E**

Ecologia 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 81, 83, 211, 219

Educação 1, 6, 9, 13, 14, 15, 17, 18, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 59, 60, 64, 65, 66, 73, 76, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 116, 118, 122, 123, 126, 128, 129, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 154, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 167, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 207, 209, 210, 211, 219, 221

Educação inclusiva 32, 35, 36, 64, 84, 86, 87, 88, 89, 94, 160, 161, 162, 164, 173

Educação infantil 37, 38, 39, 40, 47, 48, 49, 50, 90, 154, 167

Educação jurídica 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199

Empresarialismo 175, 176

Enfermagem 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 52, 59, 131, 134, 135

Ensino de ciências 152, 153, 154, 155, 159

Ensino médio integrado 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Estado 27, 70, 79, 80, 85, 90, 96, 98, 99, 100, 138, 160, 174, 176, 179, 184, 185, 186, 188, 190, 195, 198, 209, 210, 221

Estereótipo 1, 2, 3, 5

Estratégia 7, 10, 11, 33, 43, 61, 62, 115, 164, 171, 179, 200, 202, 203, 205, 207, 213

Estudantes da saúde 52

Ética responsável 65, 66

Expressão oral 110, 112, 115, 116, 120, 121, 123

## **F**

Fala das crianças 37

Formação continuada 33, 152, 153, 154, 156, 157, 159, 179, 180, 182

## **G**

Geometria 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109

Gerencialismo escolar 175, 180, 182

## **I**

Indígena 1, 2, 3, 4, 5, 6

Interação 21, 22, 34, 35, 72, 110, 112, 113, 114, 117, 122, 147, 158, 172, 177, 196, 203, 207, 209, 210, 212, 213

Interação social 21, 110, 112

## **J**

Jogos 27, 31, 33, 34, 35, 144, 147, 149, 150, 161, 167

## **L**

Louvado sejam 65, 66, 67, 76, 81

## **M**

Matemática 31, 33, 35, 60, 64, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 114, 153, 171, 187, 188, 221

Metodologias ativas 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 194, 195

Monitoria 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

## **O**

Origami 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

## **P**

Peças naturais 52, 54, 55, 56, 57

Pedagogia 25, 27, 36, 38, 61, 62, 64, 90, 101, 152, 153

Pedagogia visual 61, 62, 64

Políticas educacionais 96, 176, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Prática pedagógica 9, 25, 30, 37, 38, 40, 42, 43, 161, 163, 172

ProfEPT 192, 193

Professor 1, 2, 8, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 84, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 98, 102, 106, 107, 108, 111, 114, 132, 148, 153, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 187, 203, 213, 221

Programa de intervenção didática 110

## **R**

Reformas educativas 184

## **S**

Sala de recursos multifuncionais 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 160, 167

Sequências didáticas 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Sofrimento psíquico 126, 129, 131, 133, 134, 135

Suicídio 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151

Surdez 61




## **T**

Tempo e espaço 37, 40, 48, 165, 169

Transformação digital 200, 203, 204, 205, 206, 207

# EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

## 5

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

## 5



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)